

IX Poemas

Adriano Nunes¹

Desvendando a essência dura

Dar àquele instante a luz
Do amor que em todos produz
A alegria, dar à vida
A parte ainda sortida,
Ter, à tez do sonho, o tanto

De infinito de algum canto.
Dar à existência, o montante
Do ser: tudo é sufocante.
Deixar à vista o prazer
De poder se refazer

Do tédio do dia-a-dia.
Dar àquele cosmo o tom
De um gozo, do que é bom.
Soltar-se do medo, desse
Que só desgasta o interesse.

Romper a fronteira do âmago,
Esquecer qualquer estrago
Feito pelo coração.
Ai, que violenta emoção
Invade d'alma a estrutura,

Desvendando a essência dura
Do que outrora se desfez!
A saudade... Dessa vez
Dar ao pensar a leveza
De um verso, toda a beleza.

Em único lance

Apenas perdura
O amor... Entre o instante
Raro, resultante
Da aparência dura

Do animado amante, e
A mesma loucura,
A potência pura
De um flerte ofuscante.

O infinito? Tudo
Em único lance,
Mas fora do alcance.

Ó amor te saúdo!
Que teu sol avance
Multívago, mudo!

Palavra ainda

Palavra dita. A
Parede abriga
A imagem tímida
Da lagartixa.

Não se imagina
Que se agiliza
Uma descida,
Uma subida.

Transdita, rítmica,
Transita, à risca
Da réptil vida,
Atenta, arisca.

E, assim, arrisca a
Palavra, ainda.
E risca e rima e
Reinos rabisca.

Sons em perigo,
Ante o sentido,
O lance à Língua,
Outra armadilha

Sequer prevista.

O signo mínimo
Não se intimida
Perante a crítica.

E muda a métrica,
E mescla-a ao rito
Do que é preciso,
Logo em seguida:

A lâmina translúcida
Captura - que loucura! -
Libélulas belas,
Drosófilas tolas,

Pirilampos à-toa,
Que voam, voam, voam...
Mas não se sabe, nesta tarde,
O que toda existência povoa.

E não mais que isso

Dar-te o infinito
Impresso, solto,
Em um sorriso e
Não mais que isso.

Depois ser claro
E esquecer mesmo o
Sol do teu corpo
Em qualquer outro,

Ante desejos
Descomedidos,
Saber-me inteiro,
Intacto, vivo.

Palavra

para Haroldo de Campos

Palavra não digas
Nada
Palavra não vazes
Vaga
Palavra vê se

Paras
De vez essa lábia
Falha.

Palavra vê se
Saltas
Da folha, se tragas
Alma -
Metáfora: basta a
Farsa?
Palavra não vires
Mágica...

Palavra te faz
Farpa,
Fábula, faísca,
Falta
Palavra não te
Partas
Porto ponte praça
Fala.

Vazão

O vazio vagueia
Em mim...
Sentimento raro
A condensar o
Que deveras possa estar
Acontecendo.

Claro,
Sem se alimentar,
Sem tirar proveito
Do que possivelmente há
Por dentro do
Que penso.

E, nesta tarde,
Em que já não cabem
Dúvidas, deuses, dores, dividendos,
É que bem me compreendo:
Poeta a desafiar o íntimo
Do tempo.

Cego interesse

Como se opor
À lida desse
Cego interesse,
Álacre amor?

Além de amor,
À vida desse
Certo interesse,
O que propor?

Que se quer para
Satisfazer
Labor, lazer,

O que separa,
De forma clara,
Pranto e prazer?

Contra todo o olvido

À força do agora,
Outro verso aflora.
Que mais quer de mim,
Que pretende, enfim,

Com o seu fulgor
Infundo? Compor
O que está contido
Contra todo o Olvido?

Tonto, dou-me ao sonho
E a tudo me exponho...
Assim, à tez disso,
Canto o compromisso.

Arte

Para Adriana Calcanhotto

De ponto
A porto, o
Poema
É todo

Exposto.

Sol solto
De si,
Do sonho e
Do tempo
Acima,

O norte
Pra lida
Suprema,
Surpresa,
Suspense.

¹ **Adriano NUNES**, poeta alagoano que imerso em seu mundo intimamente poético, afirma, sem receio, aos amigos e leitores: "Não saberia viver sem as musas, sem a poesia". Seu livro de estreia foi *Laringes de Grafite*, Editora Vidráguas, 2012. Prefaciado por Antonio Cicero e Lêdo Ivo. *Laringes* foi elogiado pela crítica nacional por nomes como Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Antunes, Péricles Cavalcanti. No prelo "Antípodas Tropicais". Publica desde 2008 no blog "quefaçocomoquenãofaço".
placido.adriano@hotmail.com

Recebido: 06.12.2013

Aprovado: 15.12.2013